OS "NARRADORES DE ABEL": HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DE UMA CIDADE AMAZÔNICA

THE "ABEL NARRATORS": STORIES AND MEMORIES OF AN AMAZON TOWN

Thiago Broni de Mesquita

thiagobroni@yahoo.com.br

Edilza Joana Oliveira Fontes

edilzafontes@hotmail.com

Resumo: o presente artigo tem como objetivo refletir sobre nossa experiência de pesquisa junto ao projeto "Histórias e memórias de Abel Figueiredo". Pretendemos evidenciar a ideia de unidades narrativas presentes em relatos orais que constituem representações sobre histórias e memórias da cidade. Como principal resultado da pesquisa, demonstraremos como a abertura de rodovias propiciou o avanço de cidades construídas por migrantes à beira da estrada em áreas de expansão na Amazônia.

Palavras-chave: Abel Figueiredo, narrativa, memória.

Abstract: this article aims to reflect on our research experience with the project "Stories and Abel Figueiredo memories." We intend to show the idea of narrative units present in oral accounts that are representations of stories and memories of the city. The main result of the research, demonstrate how the opening of roads led to the advancement of cities built by migrants roadside growing areas in the Amazon.

Keywords: Abel Figueiredo, narrative, memory.

Introdução

> O que são os perigos da floresta e das pradarias comparados com os choques e conflitos diários do mundo civilizado? Enlace sua vítima no bulevar ou transpasse suas presas em florestas desconhecidas, não continua sendo o homem, aqui e lá, o mais perfeito de todos os predadores?[1]

Ronald Raminelli, ao analisar a proliferação das cidades na Europa no século XIX, traz ao leitor, em "História Urbana", perspectivas historiográficas sobre os modos

[1] RAMINELLI, Ronald. História urbana. In: CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (Orgs.) *Domínios da História. Ensaios de teoria e metodologia*. 5ª Edição. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 196.

como foram escritos e como atualmente historiadores vêm escrevendo a história das cidades.

Para o autor, as mudanças na cidade não são produto do acaso, ao contrário, elas atribuem sentidos e funções que devem ser percebidas pelo historiador, haja vista que "a cidade é um fato cultural, um caldeirão de impressões, de sentimentos, de desejos e de frustrações"[2].

Nesse artigo, temos o objetivo de explicitar a nossa experiência de pesquisa junto ao projeto "Histórias e memórias de Abel Figueiredo", realizado entre os anos de 2011 e 2012 e financiado pela Prefeitura Municipal de Abel Figueiredo, que tinha interesse em publicar um livro em homenagem à história do município, no qual fomos os coordenadores da equipe de pesquisa[3].

Durante o projeto, realizamos 28 entrevistas[4] que foram divididas em grupos/perfis de moradores da seguinte maneira: 07 pioneiros ou fundadores, 02 representantes de grupos religiosos, 05 representantes do setor empresarial (agricultura, pecuária, madeireira e comércio), 05 professores e 09 políticos (prefeitos, ex-prefeitos, vereadores e ex-vereadores).

Embora os entrevistados estivessem divididos em grupos/perfis e houvesse um roteiro de entrevista, foi garantida a todos a flexibilidade para tratar de diversos assuntos referentes à história do município, ou seja, um professor poderia falar sobre a construção do primeiro grupo escolar ou da luta pela energia elétrica, assim como um empresário poderia falar do desenvolvimento da indústria madeireira e/ou sobre eleições.

Ao final, foram registradas, em áudio e vídeo, mais de 30 horas de entrevistas, foi organizado um acervo documental com atas, decretos, leis e correspondências oficiais da Prefeitura Municipal e Câmara Municipal, além de um vasto acervo fotográfico cedido pelos moradores em um mutirão promovido pela Secretaria Municipal de Educação e Cultura. Toda essa documentação atualmente faz parte de um Arquivo Público Municipal, localizado na sede da Prefeitura Municipal de Abel

[2] Idem, p. 195.
[3] O projeto contou com uma equipe de 08 pesquisadores: 03 autores e 01 bolsista de pesquisa ligados a Universidade Federal do Pará, 03 professores da rede municipal de ensino e 01 jornalista cedidos pela Prefeitura Municipal de Abel Figueiredo.
[4] A seleção dos moradores foi feita pela própria Prefeitura Municipal, que tratou dos Termos de Autorização de uso de Imagens e Depoimentos e toda a infraestrutura para o registro em áudio e vídeo, os quais ficaram disponíveis na Secretaria Municipal de Educação e Cultura para consulta.

Figueiredo, e foi utilizada para a publicação em dezembro de 2011 do livro "Na estrada da memória: a história de Abel Figueiredo (1960-2011) ".

Passados pouco mais de quatro anos, acreditamos que revisitar Abel Figueiredo é importante para o avanço de pesquisas que discutam o processo de ocupação recente da região amazônica em suas áreas de expansão e que culminaram com a criação de uma dezena de municípios no final dos anos 1980 e início dos anos 1990.

Gradativamente, os arquivos da Ditadura Militar estão sendo abertos e ofertados por instituições de pesquisa, como o Arquivo Nacional, que no ano de 2014 disponibilizou ao acesso do público as fontes do Sistema Nacional de Informações (SNI). São fontes que, entre outros assuntos, demonstram como durante esses governos um fluxo intenso de migrantes partiu em direção à Amazônia buscando terras a partir das políticas de colonização do governo.

No presente artigo, daremos destaque a algumas das entrevistas feitas durante a pesquisa e que constroem unidades narrativas importantes sobre esse processo de ocupação e construção de municípios às margens de estradas e rodovias em áreas de expansão na Amazônia, com foco ao caso do Pará.

Verena Alberti, ao abordar o conceito de entrevista oral, trata da vivacidade e do tom especial que lhes são característicos. Segundo a autora:

> É da experiência de um sujeito que se trata; sua narrativa acaba colorindo o passado com um valor que nos é caro: aquele que faz do homem um indivíduo único e singular em nossa história, um sujeito que efetivamente viveu – e por isso dá vida a – as conjunturas e estruturas que de outro modo parecem tão distantes.[5]

Nesse sentido, esse artigo irá em busca dessas experiências sobre as quais trataram os sujeitos que construíram a história de Abel Figueiredo, estabelecendo unidades narrativas importantes, ou seja, "imagens e histórias que se cristalizam e se repetem toda vez que certas experiências e certos saberes são narrados"[6].

Embora não tenhamos participado diretamente da seleção dos narradores, percebemos que a prefeitura convidou pessoas que tinham uma certa liderança ou protagonismo dentro dos quadros que ela pretendia registrar. Além disso, havia uma diversidade de idade, o que garantiu que os fatos narrados revelassem, em perspectiva, o tempo cronológico da história da cidade, bem como uma narrativa vinculada ao momento da vida no qual se encontravam e sobre o qual falavam os narradores.

---

[5] ALBERTI, Verena. *Ouvir contar:* textos em história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007, p. 14.
[6] Idem, p. 110.

Percebemos a produção de unidades narrativas importantes dentro do contexto maior ao qual esses narradores estavam ligados, ou seja, a história de fundação e desenvolvimento do município. Assim, as relações entre passado, presente e futuro por eles produzidas estão associadas a dinâmicas temporais e espaciais que geram significado e identificação dentro do grupo, indo além da trajetória particular dos entrevistados.

Para esse artigo, definimos três unidades narrativas que consideramos importantes a serem investigadas nas entrevistas dos moradores de Abel Figueiredo. A primeira é relativa ao momento da fundação da localidade e ao "pioneirismo" daqueles que foram os primeiros a chegar nessa região do Pará em busca de terras e estabeleceram vilas e localidades ao longo das rodovias de integração que se abriam entre o Pará e o Maranhão na década de 1960, nesse ponto, iremos destacar a história de Odilon Cardoso tido como pioneiro, "pai" e "fundador" do município.

Em um segundo momento, iremos destacar as narrativas que versam sobre os "chegantes", ou seja, aqueles migrantes que vinham com a intenção de investir seu capital, baseando-se nas políticas de integração nacional dos governos militares, ao longo da década de 1970 e 1980, e que muitas vezes foram vítimas da ação de grileiros.

Esse foi o momento de avanço da agropecuária e da indústria madeireira e de crescimento das localidades às margens das rodovias nas áreas de expansão no Pará, nesse momento a região da PA-70 se consolidava como uma região de atração de migrantes, que buscavam segurança em relação a golpes e processos fraudulentos de compra e venda de terras no sul e sudeste do Pará.

Por fim, analisaremos as narrativas em torno da emancipação e fundação do município, destacando a formação de grupos políticos que definiram seus campos de atuação e partiram para a disputa do poder local rumo à construção do futuro dessa cidade amazônica no interior do Pará.

As narrativas sobre a fundação e o pioneiro de Abel Figueiredo.

Faziam dois anos do golpe militar de 1964, quando Odilon Cardoso visitava pela primeira vez o Km 92 da PA-70 a convite de seu amigo Arcanjo. Tratava-se de uma estrada de chão que estava sendo aberta pelo Governo do Estado do Pará e que interligaria as rodovias BR-010 (Belém-Brasília), construída no governo de Juscelino Kubitschek, à Marabá no sudeste do estado.

Em um primeiro momento, seu objetivo era apenas o de acompanhar o processo de compra de um lote de terras feito pelo seu amigo, mas, já naquela passagem, "teve a visão" que ali poderia se desenvolver uma vila.

Odilon Cardoso nasceu no ano de 1932, em Juazeiro do Norte, estado do Ceará e é o segundo filho mais de velho de sete irmãos, seus pais eram agricultores e meeiros, e sua primeira experiência de migração foi quando tinha 13 anos em 1945, quando ele e sua família saíram a pé em direção ao estado do Maranhão, caçando terra, água para plantação e fugindo da seca, estavam atrás daquilo que ele chama de "crescer na vida".

Com a morte de seu pai, poucos anos após chegarem ao Maranhão, Odilon Cardoso se tornou o esteio da família e sustentou sua mãe e seus irmãos na pequena cidade de São Domingos do Zé Feio, com a venda de produtos cultivados na roça, que também eram usados para subsistência.

Junto com seus irmãos trabalhou no cultivo de arroz, batata, macaxeira, inhame, enquanto as mulheres da família se dedicavam aos trabalhos domésticos, criação de porcos e galinhas.

Em 1954, com 22 anos e casado com sua primeira esposa, Odilon Cardoso deixou seus irmãos e sua mãe e partiu rumo à Imperatriz, cidade localizada no cruzamento de estradas por onde, no ano de 1959, passaria a rodovia Belém-Brasília. Nesse momento, migravam para lá cearenses, piauienses e moradores dos interiores do Maranhão em busca de terras, água e babaçu[7].

Em sua passagem por Imperatriz, Odilon Cardoso viu o Governo Juscelino Kubitscheck implementar a construção da rodovia Belém-Brasília e lá viveu um tempo de "sobe e desce da vida". Constituiu um mercado de secos e molhados, trabalhou como freteiro de mercadorias e no transporte de pessoas no trecho entre Imperatriz e a localidade de Itinga na divisa do Pará com o Maranhão.

O trânsito entre essas duas localidades permitiu a Odilon Cardoso ver a realidade de abertura de uma rodovia em meio à selva, exatamente em um trecho de transição de biomas da caatinga para a Amazônia, mais especificamente na grande área de florestas de babaçu que possui um tipo de solo extremamente acidentado.

> Naquela época as estradas eram de chão, piçarra, muito acidentadas, não foi só o meu caminhão que se acabou com gente, diversos caminhões se acabaram naquela época, carregados de gente, outros carregados de

[7] WAGNER, Alfredo. *Autonomia e mobilização política dos camponeses no Maranhão*. Rio de Janeiro: Casa 8, 2015.

> mercadoria, houveram muitos prejuízos naquela época, entre famílias, vida humana e mercadoria e é aí que se deu o desacerto de minha mudança. [8]

Durante todo o processo de ocupação das áreas na divisa do Pará com o Maranhão e especialmente ao longo da construção das grandes rodovias, acidentes aconteciam e várias pessoas vinham a óbito, fato que marcava a vida de quem fazia o transporte desses passageiros.

Assim aconteceu com Odilon Cardoso, embora não deixe claro que ele ocasionou a morte de pessoas enquanto trabalhava fazendo o transporte de passageiros, nosso entrevistado deixa claro que é esse trabalho que o levou ao "desacerto" de sua mudança ao Pará.

Segundo ele, ao retornar à Imperatriz, acabou sofrendo as consequências por um acidente causado, e, em meio ao constrangimento, partiu rumo ao Estado do Pará, aproveitando-se do fato de que conheceu toda a extensão da rodovia entre Imperatriz e Belém. Alojou-se entre os anos de 1963 e 1966 com sua família em uma localidade entre Itinga no Pará e Água Azul no Maranhão.

A terra era seca e pouco produtiva, a água para a plantação e a subsistência ficava distante das propriedades que lá se desenvolviam, entretanto, essa localidade de transição, por onde passava a rodovia BR-010, funcionava como um local de dispersão de migrantes que partiam ao Estado do Pará, lá eles recebiam notícias sobre terras e decidiam seus destinos, uns para o sudeste do Pará, outros para o nordeste, outros rumo a Belém e outra parte rumo à estrada PA-70.

Em suas memórias, Odilon Cardoso ressalta que os anos de 1960 a 1970 marcam a passagem de "carradas" de migrantes por sua vida, algo bem maior do que ele havia vivido quando partiu do Ceará em 1945.

De um lado a rodovia Belém-Brasília possibilitava que cidades como Paragominas, no Nordeste do Pará, e Imperatriz, na divisa do Pará com o Maranhão, crescessem em uma velocidade assustadora e desordenada, registrando índices alarmantes de ocupação e conflitos pela terra; do outro lado os governos militares incentivavam a ocupação de terras na Amazônia, através da expansão da fronteira agrícola, da exploração de madeira, minério e garimpo.

---

[8] CARDOSO, Odilon. *Odilon Cardoso: depoimento* [09 de abril, 2012]. Entrevistadores: E.J.O.F e T.B.M. Abel Figueiredo: Prefeitura Municipal. 1 arquivo audiovisual. Entrevista concedida ao Projeto Histórias e Memórias de Abel Figueiredo.

Marília Brasil[9] destaca que a década de 1960 registra um surto migratório na história da ocupação na região Norte. Segundo ela, foram às políticas governamentais de incentivo à migração, por meio da "Operação Amazônia" e posteriormente pelo "Programa de Integração Nacional", que motivaram a saída de milhares de brasileiros rumo à região.

O Norte veria "um Brasil" de migrantes avançar em direção a diversas localidades durante as décadas de 1970 e 1980, período no qual, cerca de 850.000 pessoas migraram para a região, o que, no início da década de 1980, representava 13% da população residente.

Ainda de acordo com a autora, cerca de 40% de migrantes interestaduais vieram rumo ao Pará, o que representa a entrada de mais de 400.000 pessoas, das quais a grande maioria eram nordestinos, aproximadamente 35,4% vieram dessa região. Quanto ao tipo de êxodo, em sua maioria, esses migrantes vinham da zona rural de seus estados de origem e se estabeleciam na zona rural no Pará, mais precisamente em 44% dos casos, caracterizando deslocamentos do tipo rural x rural.

Se de um lado os dados dão a dimensão numérica desse fenômeno, de outro as memórias desse processo rememoram cenários de grande disponibilidade de terras e ilusões no interior da Amazônia, onde, às margens das estradas, nasciam vilas, agrovilas e cidades.

No caso de Odilon Cardoso, a caça por terras e a convicção de que veria nascer uma vila nas terras onde seu amigo Arcanjo o havia levado meses antes foram as motivações que o fizeram vender tudo e partir rumo ao Km 92 da PA-70.

Segundo ele, a sua chegada se fez em dezembro de 1966, quando comprou um lote de terras de 10x30 metros, onde ergueu uma barraca de palha, logo após ao adentrar a localidade se apossou de 20 alqueires[10] de terra e no momento de sua chegada a

[9] BRASIL, Marília Carvalho. Os fluxos migratórios na região Norte nas décadas de 70 e 80: uma análise exploratória. *Caderno Estudos Sociais* Recife, v.13, n.1, p. 61-84, jan. /jun., 1997. Disponível em: http://pt.scribd.com/doc/151824802/OS-FLUXOS-MIGRATORIOS-NA-REGIAO-NORTE-NAS-DECADAS-DE-70-E-80

[10] Alqueire é uma medida agrária bastante utilizada no Brasil e que varia de região para região. De acordo com dados do Ministério do Desenvolvimento Agrário 1 alqueire de terra tem 50x50 braças em São Paulo e Minas Gerais, o que corresponde a uma área de 12.100m^2, ou 1,21 hectare; Em Estados da região Norte 1 alqueire pode corresponder a uma área de 27.225 m^2, correspondendo a 2,72 há. Uma relação completa de medidas agrárias não decimais está disponível em: <http://sistemas.mda.gov.br/arquivos/TABELA_MEDIDA_AGRARIA_NAO_DECIMAL.pdf>. Acesso em: 12/08/2016.

localidade já se encontravam 05 posseiros: Dona Dondon, Zé Ricardo, Darci, Domingos e Zé Neves, três com posses do lado esquerdo da estrada e outros dois do lado direito.

Ao contrário da sua vontade de desenvolver a localidade, os cinco posseiros não tinham interesse em distribuir as terras das quais haviam se apossado, de modo que impediam a construção de barracas para receber os migrantes que passavam pela estrada. Segundo Odilon Cardoso, desde a sua chegada, havia um fluxo constante de migrantes de todas as partes de Brasil passando pela PA-70.

> Depois que eu comecei aqui, daquele dia para cá nunca parou de chegar gente, já tinha gente transitando na estrada de lá para cá, logo de imediato chegavam mineiros, baianos, capixabas, goianos, piauienses, pernambucanos, cearenses e eu fiquei sem saber de qual município pertencia isso aqui. Chegavam gente e cadê lugar para alojar? Mas eu tinha aquilo na minha mente, isso aqui vai ser uma vila, quem sabe uma cidade como a que a gente está vendo hoje[11].

Nesse momento, Odilon Cardoso assumiu o papel de personagem principal na condução do processo de ocupação da localidade que deu lugar à vila de Abel Figueiredo sua postura diante da entrevista se modificou e a história passou a ser contada como "saga", ele também fez uma espécie de descolamento de si, e os fatos que se sucedem passaram a ser contados em terceira pessoa.

A narrativa sobre o "desacerto", que coincidia com a juventude de Odilon Cardoso em sua passagem pelo Estado do Maranhão, deu lugar a narrativa do "pioneiro", do "pai" e "fundador" que foi capaz de correr risco de vida em função da defesa dos interesses dos brasileiros que ali chegavam.

> Odilon Cardoso queria ver isso aqui desenvolver, queria ver isso aqui valorizar e vocês (posseiros) aumentam a terra de vocês para o fundo, isso aqui vai valorizar e vocês vão ter aula para os seus filhos. Eles não queriam e por essa causa eu fui até ameaçado 'se nós perdemos essa terra Odilon Cardoso perde a vida', eles disseram e por essa causa eu fui até o fim e está aqui Abel Figueiredo hoje.[12]

Por essa causa, Odilon Cardoso atravessou toda a extensão da PA-70 em um episódio que se consolidou na memória coletiva como o momento de fundação do vilarejo.

> - Isso aqui é município de onde?
> - São João do Araguaia.
> - Onde fica esse município?
> - Fica na beira do Tocantins com o Araguaia, fica do outro lado do Tocantins com o Araguaia, fica a 42 quilômetros de Marabá. Lá não tem estrada de carro, é estrada de tropa ou rio, porque fica na beira do rio.
> E gente chegando e eu disse:
> - Eu vou lá falar com esse prefeito.

[11] CARDOSO, Odilon, Op. Cit.
[12] Idem.

> Bati o jipinho na beira da estrada, deixei na beira do rio, levei o dia todo para sair de São Félix e chegar a São João do Araguaia. Quando eu cheguei lá, perguntei onde era a casa do prefeito e a prefeitura e como era o nome dele. O nome dele era José Martins Ferreira, aí fui para casa dele, ele era paraense, nascido e criado no São João do Araguaia. Disse a ele que cheguei ao município dele fazia 01 ano e tem muita gente entrando da Bahia, de todo canto do Brasil e não tinha lugar para se alojar, porque tem uns posseiros lá e não dá nenhum lote para fazer uma barraca e lá merece ter uma vila, porque é 92 quilômetros de Marabá e da Belém-Brasília é cento e tantos quilômetros, tem que ter um povoado lá, pro pessoal se alojar e quem sabe um dia se transformar numa cidade.

Essa memória dá um sentido de identidade ao município, fato sobre o qual parece não haver dúvidas, mesmo entrevistados que nasceram ou que chegaram tempos depois à vila se reportam de alguma maneira a essa narrativa.

Entrevistados, como as professoras Geiza Pereira Ramos e Maria Denuce Leite, que chegam ao município na década de 1970, ou mesmo dos políticos Roberto Maltarolo, Osciézia Rodrigues e Joaquim Rodrigues, que são netos da primeira geração de moradores de Abel Figueiredo reforçam o fato de que foi Odilon Cardoso o responsável pela fundação da localidade.

Odilon Cardoso se tornava o "pai" e o "fundador" e o agente de transformação fazendo questão de associar a si essa imagem, escolhendo colocar os outros, ou seja, os primeiros posseiros na posição de coadjuvantes ou antagonistas na história de Abel Figueiredo, eram os agentes que lutavam contra o desenvolvimento, ao passo que ele desbravava a selva, atravessava os rios e trazia consigo o poder de decidir sobre o futuro daquelas pessoas e das terras.

O uso do termo "pai fundador" que trabalhamos no texto diz respeito à referência constante que nossos entrevistados fazem à figura de Odilon Cardoso, ora como "fundador" (quando a entrevista tratava do momento de chegada de migrantes e expansão da localidade) e ora como "pai" do município (quando os entrevistados entendiam que não foi prestada a devida homenagem, ou quando os relatos denotavam afetividade, emoção, empatia em relação a ele como fundador, pioneiro, delegado, aquele que acolhia aos que chegavam e distribuía os lotes de terras de forma gratuita a todos).

A partir de então, os primeiros posseiros chegam quase a desaparecer da história, inclusive dona Dondon e Zé Neves, posseiros que concordaram com a distribuição das terras. A partir desse momento, a narrativa muda e as memórias sobre a história do município entram em um processo de negociação.

> Quando a vila começou a se desenvolver olha o que eu fiz, eu chamava a comunidade e fazia reunião, eu era um líder da comunidade, eu entregava um

> lote de 10x30, se você fizesse uma casa com 30 dias você podia vender, porque todo dia chegava gente, você vendia e eu dava outro lote para fazer outra casa e foi assim que Abel se desenvolveu, as carretas voltavam batendo e as famílias ficavam. [13]

Em suas memórias, Odilon Cardoso opta por contar uma história quase sem conflitos pela terra, a única exceção é aquele enfrentado por ele próprio, quando, ao se tornar delegado da prefeitura e líder da comunidade, é ameaçado de morte pelos posseiros, nenhum outro embate é registrado a partir de então.

Seguia a chegada de migrantes, como aquela registrada pela professora Maria Denuce, a qual em sua narrativa afirma que dentro da história do pioneirismo havia também a história da chegada constate de "convencidos" e também da saída de "arrependidos", foi o tempo da agricultura e da construção da vila com suas praças, ruas, igrejas, escolas, nesse momento a floresta foi derrubada para dar espaço às roças e à subsistência dos primeiros moradores.

Imagem 01

Famílias vindas do Estado do Espirito Santo para o Pará em frente a um caminhão de pau de arara[14]

Segundo Maria Denuce, "Os carros traziam os iludidos e levavam os arrependidos, porque os mesmos carros que traziam as pessoas para cá, também voltavam cheios, com duas, três famílias que não gostavam daqui. "[15]

Até meados da década de 1970, a localidade sobreviveu da colheita de arroz e milho e da criação de porco e galinha; banana farinha e feijão eram comercializados

[13] CARDOSO, Odilon. Op. Cit.
[14] Fonte: Prefeitura Municipal de Abel Figueiredo, cedido pela família de Alene Amaral. Ano: 197?
[15] DENUCE, Maria. *Maria Denuce: depoimento* [10 de maio, 2012]. Entrevistadores: E.J.O.F e T.B.M. Abel Figueiredo: Prefeitura Municipal. 1 arquivo audiovisual. Entrevista concedida ao Projeto Histórias e Memórias de Abel Figueiredo.

com Imperatriz no Maranhão. Em sua grande maioria, os migrantes que chegam a essa localidade nesse momento são maranhenses e nordestinos pobres que vinham fugindo da seca e na busca por terras para a construção de roças.

As narrativas sobre os "chegantes" dos anos 1970.

> Em suma, tratavam todos os recém-chegados como pessoas que não se inseriam no grupo, como "os de fora". Esses próprios recém-chegados depois de algum tempo, pareciam aceitar, com uma espécie de resignação e perplexidade, a ideia de pertencerem a um grupo de menor virtude e respeitabilidade, o que só se justificava, em termos de sua conduta efetiva, no caso de uma pequena minoria.[16]

Em "Os estabelecidos e os *outsiders*", Norbert Elias nos dá as dimensões das múltiplas tensões vivenciadas entre grupos de estabelecidos e de "forasteiros" em uma comunidade periférica intitulada Winston Parva, evidenciando o afastamento e um sentimento de superioridade manifesta nas relações de poder.

Durante toda a década de 1970, as áreas de expansão na região amazônica e mais especificamente a região do sul e sudeste paraense perceberam a entrada de milhares de migrantes vindos de todo o Brasil.

Os processos de compra e venda de terras no Estado do Pará ocorria de forma acelerada e desordenada; com preços irrisórios e com uma política de terras frágil, era quase impossível perder dinheiro, afinal de um lado a posse da terra e a derrubada de grandes áreas de floresta eram resguardadas legalmente e de outro, bancos de desenvolvimento, especialmente o Banco da Amazônia (BASA), ofereciam incentivos, empréstimos e juros baixos. Segundo Christopher Uhl e Oriana Trindade:

> O preço da terra e o interesse do governo em atrair investidores do Sul do Brasil para a região, oferecendo para isso a conversão dos impostos a serem pagos em capital para que esses investidores estabelecessem fazendas de criação de gado, bem como empréstimos a juros baixos e com longo período de carência, proporcionaram uma ocupação acelerada da região.[17]

"Chegante" é o termo associado ao migrante que chega em um momento de entrada de investidores na Amazônia, e nesse contexto o BASA propagandeava: "Chega de lendas. Vamos faturar! ", referindo-se as possibilidades de investimentos na região.

---

[16] ELIAS, Norbert e SCOTSON, John. Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000, p. 20.

[17] UHL, Christopher e ALMEIDA, Oriana Trindade. O desafio da exploração sustentada na Amazônia oriental. In: ALMEIDA, Oriana Trindade. *A Evolução da fronteira Amazônica:* oportunidades para um desenvolvimento sustentável. Belém: IMAZON, 1996, p. 04.

Esses "chegantes" vinham em busca de quê? Na sua resposta, o baiano Florisvaldo Rodrigues, também conhecido como "Seu Nazim", resume o sentimento de todos que chegavam ao Pará naquele momento. Segundo ele:

> Todos no meu conhecimento saíram em busca de uma vida melhor, desenvolver financeiramente e através disso desenvolver culturalmente, só pensando no amanhã, no futuro, na família. Essa vida melhor estava ligada a uma terra maior, que produzisse mais, que dessa condição melhor, foi essa que foi a busca minha e de todos os outros.[18]

Antes de chegar ao vilarejo de Abel Figueiredo em 1970, Florisvaldo Rodrigues já havia migrado com sua família para o Espírito Santo e Maranhão e, segundo ele mesmo afirma, "chegar" era "reencontrar os amigos", fazendo referência especial à quantidade de capixabas e baianos que já estavam na localidade naquele momento.

Assim como Florisvaldo Rodrigues, outros entrevistados relembram passagens por terras no Espírito Santo durante as décadas de 1940 a 1960, entretanto fatores políticos e econômicos haviam esvaziado a fronteira agrícola no Estado.

De acordo com Fernando Cezar Macedo[19], os anos sessenta marcam uma crise sem precedentes na economia cafeeira capixaba em função da erradicação dos cafezais. Como consequência, temos o avanço da desestruturação da base agrária no Estado no início da década de 1970.

Abel Figueiredo tem uma relação interessante com migrantes capixabas, pois o que se percebe ao longo da década de 1970 no sul e sudeste do Pará é o avanço dos processos de grilagem de terras e outras operações fraudulentas de terras envolvendo tanto terras públicas como terras devolutas e muitas dessas transações envolviam capixabas, que chegavam ao Pará em busca de terras e acabavam por ser vítimas da atuação de grileiros que se aproveitavam da sua condição de "chegante" ao Estado.

Edmilson Souza[20] analisa a realidade da grilagem de terras no Pará ao pesquisar sobre migrantes camponeses e capixabas no sudeste paraense e uma de suas conclusões é a de que o outro, ou seja, o negociante de terras não é digno de confiança em função da desonestidade, moral que prevalecia nessa região. Segundo ele:

---

[18] SOUSA, Florisvaldo Rodrigues. *Florisvaldo Rodrigues de Sousa: depoimento* [09 de maio, 2012]. Entrevistadores: E.J.O.F e T.B.M. Abel Figueiredo: Prefeitura Municipal. 1 arquivo audiovisual. Entrevista concedida ao Projeto Histórias e Memórias de Abel Figueiredo.

[19] MACEDO, Fernando Cézar. O papel do FUNRES na transição da economia capixaba. *História econômica & história de empresas* XV. 1 (2012), 39-70. Disponível em: <http://www.revistaabphe.uff.br/index.php?journal=rabphe&page=article&op=view&path%5B%5D=220 > Acesso em: 30 janeiro de 2014.

[20] SOUZA, Edmilson Rodrigues. Quando os "outros" somos "nós": migração de capixabas e moralidade camponesa no sudeste paraense". *Geografares* Nº 8, Espírito Santo, 2010. Disponível em: <http://www.periodicos.ufes.br/geografares/article/view/1290>. Acesso em: 30 de janeiro de 2014.

> A família que chega já se depara com um contexto moral bem distinto do "território de origem", e se choca com um negociante que vende uma terra que não lhe pertencia, causando uma desorganização no plano econômico, haja vista que segundo o próprio informante foram investidas todas as economias na aquisição do terreno.[21]

Podemos afirmar que os estabelecidos se aproveitavam da condição de chegante desses migrantes para agir de forma desonesta, um dos casos mais marcantes foi o do mineiro Augusto Careca, que partiu do Estado do Espírito Santo para o sul do Pará durante os anos 1970.

Augusto Careca foi administrador da fazenda São Miguel em Cotaxé, município de Eucoporanga no Estado do Espírito Santo por 14 anos, propriedade com 1600 alqueires de um alemão que tinha por nome "Vilin Varoracho" (sic.). Suas memórias remontam o período entre 1950 e 1960, o esvaziamento da fronteira agrícola no Espírito Santo e as invasões de terras.

> Eu saí dela?! Não! Porque eu estava com 14 anos (trabalho) e nessa área de fazenda lá, era 1600 alqueires de terra. Tinha 400 alqueires de terra invadido por 90 homens e nessa fazenda teve essa invasão de 90 homens em 400 alqueires. Aí eu entrei nessa fazenda para ser amigo dos líderes lá e foi uma novela, eles matavam a gente lá, matou muita gente lá (...), era os invasores que matavam nós outros lá (sic.).[22]

Ao longo de sua vida, Augusto Careca foi tornando um importante negociador entre invasores e fazendeiros, fato que lhe rendeu algumas posses e a confiança do seu patrão "O patrão ficava com os direitos da terra e eu ficava com o que tinha na fazenda." Tal confiança garantiu renda e posses de terras e uma fazenda vendida por 40 mil contos para o patrão, que recomendou que ele fosse para o Pará.

> De lá eu vim embora. Aqui no Pará, disse, olha compadre você quer ir embora para o Pará, o senhor vai, lá no Pará é bom, eu fui lá e é muito bom o Pará. O senhor já vendeu a fazenda, já vendeu o gado (...). Aí eu vim embora praqui, aí eu arranjei três carretas, eu trouxe duas carretas de vaca, uma de animal e no caminhão eu trouxe a mudança (...), aí quando eu cheguei aqui tinha só uma mata, tinha só uma fileira de casa lá do outro lado e algumas casas do lado de lá.[23]

Chegou ao Pará acompanhado de sua esposa e de seus 10 filhos em 1972, segundo ele, era a primeira vez que viam caminhão com vacas na região da PA-70. Trinta vacas ele trouxe, outras sessenta ele havia comprado em Marabá.

---

[21] Idem, p. 08.
[22] CARECA, Augusto. *Augusto Careca: depoimento* [10 de abril, 2012]. Entrevistadores: E.J.O.F e T.B.M. Abel Figueiredo: Prefeitura Municipal. 1 arquivo audiovisual. Entrevista concedida ao Projeto Histórias e Memórias de Abel Figueiredo.
[23] Idem.

Para chegar à sua propriedade em Abel Figueiredo, ele abriu um ramal de terra e, dada a facilidade de compra e venda de terras no Pará, arriscou-se a comprar 600 alqueires no km 09 da Transamazônica. Para tanto, contou com financiamento do Banco do Brasil e BASA, com os quais possuía crédito desde o Espírito Santo.

> Cheguei e fui para a transamazônica, comprei uma fazenda de 600 alqueires. Lá de Marabá para lá são 72 km, não mudei, comprei e deixei lá. Que é que fizeram? Invasores entraram e venderam tudo a retalho, os invasores invadiram. Para vocês ver o que é a falta de dinheiro, o senhor tem 10 filhos, tem 600 alqueires, eu vou tirar 100 alqueires para mim, 500 eu dou para os filhos, 50 alqueires para cada, só o que aconteceu, o invasor invadiu e tomou tudo e eu perdi a fazenda.[24]

Não havia o que fazer, os invasores representavam a face da grilagem de terras que tomava conta da região sul e sudeste do Pará, não raros os relatos de golpes e grilagem de terras sofridos por migrantes, especialmente capixabas, nessa região.

Augusto Careca não fugiu dessa realidade e, segundo ele próprio afirmou, não fez nada, pois os invasores eram da parte de uma grande madeireira que tinha sede em Marabá e o fato de ser um chegante na região o desqualificava para o embate.

Preferiu ficar com as suas terras na PA-70, onde havia segurança para permanecer e estabelecer sua fazenda, que, na década de 1980, já contava com 72 alqueires, caminhão e vacas da raça nelore, comprados com financiamento do Banco do Brasil e BASA. Para ele, apesar do golpe sofrido na transamazônica "se tem lugar bom, não tem melhor do que o Pará, o Pará é bom".

Augusto Careca juntamente com outros fazendeiros que se estabeleceram na PA-70 mudaram os rumos econômicos da localidade, introduzindo a pecuária e pequenas fábricas de laticínios, cada vez mais os pioneiros viam os primeiros moradores venderem suas posses a esses novos fazendeiros.

Àquela altura, a facilidade para conseguir novas posses de terras e mesmo a corrida pelo ouro na região de Serra Pelada, provocou êxodos internos importantes e acabou por conformar territorialidades diferenciadas na região do sudeste paraense, ou seja, havia migrantes que buscavam terras para a agricultura na região da PA-70, outros que chegavam em busca de ouro na região de Serra Pelada, outros que chegavam para desenvolver a pecuária no sul do Pará na região do Araguaia.

Juntamente com as fazendas era construída a área urbana às margens da estrada PA-70 com padrões arquitetônicos diferenciados. As casas dos "sulistas", como também eram chamados os "chegantes", não seguia a "arquitetura" da casa dos pioneiros, os

[24] CARECA Augusto. Op. Cit.

barracões com coberta de palha e as casas de madeira eram derrubadas e casas feitas em alvenaria passavam a abrigar as famílias dos novos fazendeiros.

Durante a etapa de pesquisa de campo, foram disponibilizados diversos acervos fotográficos, onde fica evidentes esse processo de transformação urbana da vila, em meio às diversas fotos, é possível perceber as diferenças nos padrões das construções.

As casas de nordestinos do Ceará e Piauí eram diferentes das casas de baianos; capixabas tinham um padrão de vilas familiares de casas, ao passo que as casas de paranaenses e gaúchos tinham um padrão mais imponente, em geral casas com dois pavimentos em áreas amplas e centrais.

Além das fazendas e do florescimento do espaço urbano, nascia uma cultura do "homem do campo", a moda e a música sertaneja chegava à localidade com bandas vindas de Araguaína, festas com temas sertanejos eram dadas para a aquisição de ambulâncias, construção do Grupo Escolar, abertura de estradas e cada vez mais os moradores da vila de Abel viam avançar a vontade de se tornar independente.

Durante os anos 1970 e 1980, a vila ganhava forma, já estavam definidos o traçado das ruas que tinham a estrada PA-70 como avenida principal, havia uma população que crescia em número e vivenciava o avanço da atuação de grileiros nas áreas de expansão no interior do Pará. Se a arquitetura das casas diferenciava esses migrantes, uma cultura sertaneja do "homem do campo" os identificava e no final dos anos 1980 Abel Figueiredo já tinha as características de uma cidade amazônica criada sob a égide de uma civilização das estradas e não mais dos rios[25].

Ao longo da PA-70, onde crescia Abel Figueiredo, esses "chegantes" sentiam-se seguros e de certa forma acolhidos por ser uma localidade construída basicamente por migrantes cujo interesse era o desenvolvimento pessoal e da própria localidade. Atualmente em Abel Figueiredo existe uma rua chamada Ecoporanga, localizada no bairro da Bela Vista e que é uma homenagem aos migrantes capixabas que chegaram lá durante os anos 1970 e 1980.

É interessante destacar os laços de alteridade criados com relação aos "chegantes" e que consolidam uma cultura histórica na região da PA-70 de acolhimento a esses migrantes, garantindo-lhes terras e condições de desenvolvimento, diferentemente das áreas de exploração mineral e de avanço da agropecuária no sul do

[25] ACEVEDO MARIN, Rosa. Civilização do rio, civilização da estrada: transportes na ocupação da Amazônia no século XIX e XX. *Paper do NAEA*, 2004.

Pará, que no início dos anos 1990 já registravam índices alarmantes de conflitos e mortes no campo.

Nesse artigo, destacamos apenas o caso de Augusto Careca, entretanto outros entrevistados, como as professoras Maria Denuce Leite, Judite Pinheiro de Oliveira e Geiza Pereira Ramos e mesmo o prefeito municipal à época Hildelfonso de Abreu Araújo, atestam esse caráter acolhedor e de alteridade em relação aos "chegantes" ao longo da rodovia PA-70.

As narrativas sobre a criação da cidade.

Abel Figueiredo, no início dos anos 1990, era um município formado pela luta de seus habitantes, construído como um espaço de diversidade, com identidades diferenciadas que estabeleceram lugares naquele território.

Em 1990, momento da sua criação, já existia uma divisão espacial que demarcava divisões de poder no município. Há uma territorialização de diferentes grupos de imigrantes que se estabeleceram em diferentes temporalidades. Queremos com isso afirmar que o caso de Abel Figueiredo é peculiar, pois o entrelaçamento entre migração, cidade e memória, aponta-nos a um campo aberto de investigações sobre o processo de ocupação recente da Amazônia.

No caso de Abel Figueiredo, o estudo da história do município nos conduz à hipótese de que há a conformação de grupos de migrantes se estabelecendo na cidade, criando grupos indenitários que expressam no campo político diferentes modos de ver e se relacionar com o poder local proporcionado pela criação do município.

Afirmamos anteriormente que o espaço da vila de Abel Figueiredo toma forma ao longo dos anos 1970 e 1980. Com a Constituição Federal de 1988, temos a intensificação da criação de municípios no Brasil, conformando um território mais amplamente recortado em unidades políticas locais produzidas a partir de processos emancipatórios.

O processo de emancipação de Abel Figueiredo começa ainda na década de 1980, quando os vereadores de Bom Jesus do Tocantins, Filemon Alves e Gilson Alexandrino, que foram eleitos com os votos do distrito de Abel Figueiredo[26],

[26] Com a emancipação de Bom Jesus do Tocantins, a vila de Abel Figueiredo é elevada a posição de distrito administrativo.

encaminham resolução à câmara de Bom Jesus do Tocantins, para a criação do município de Abel Figueiredo.

No final da década de 1980, o então prefeito de Bom Jesus do Tocantins realizou investimentos importantes e que mudaram a estrutura física de Abel Figueiredo, a exemplo da implementação de verbas para a construção do mercado, feitas por meio de convênio com Banco do Brasil e o apoio do prefeito Lúcio Antunes no processo de luta pela chegada da energia elétrica na localidade.

Lúcio Antunes apoiou os moradores de Abel Figueiredo em 1990, quando foi realizado o plebiscito para a emancipação do distrito, apenas a parte interessada participou da votação, ou seja, só os moradores de Abel Figueiredo, que confirmaram o desmembramento de Bom Jesus do Tocantins naquele ano.

Além de Filemon Alves e Gilson Alexandrino, que eram vereadores, o comerciante Dativo teve uma importante participação política nesse processo, devido as suas atividades como produtor de leite e queijo, fato que lhe rendia prestígio entre os produtores e fazendeiros da região.

Abel Figueiredo é elevada à categoria de município em 21 de fevereiro de 1990, por meio da Resolução 001/1990 da Câmara Municipal de Bom Jesus do Tocantins, sua antiga sede administrativa.

> Art. 1º - Fica aprovada por força desta resolução a elevação da localidade de ABEL FIGUEIREDO, à categoria de Município, nos termos dispostos nesta resolução.
> Art. 2º - A elevação à categoria de Município, da localidade de Abel Figueiredo, decorre do que determina o Artigo 18, §4º da Constituição Federal em consonância com o Artigo 83 da Constituição Estadual e Lei Complementar 001/90 de 18 de janeiro de 1990.
> Art. 3º - A área integrada da localidade de Abel Figueiredo a constituir o novo Município, obedecerá à discriminação geográfica determinada pelo IBGE e pela planta memorial em anexo.

A narrativa sobre a cidade é entendida por nossos narradores dentro de uma construção social, ela é produto da luta de seus moradores e queremos com isso afirmar que, apesar da prerrogativa aberta com a CF/88, houve um contexto de luta pela emancipação do município, evidenciada desde a década de 1980, quando esses grupos de migrantes consolidavam o espaço da vila e exigiam melhorias e investimentos por parte do poder público.

Juntamente com Abel Figueiredo uma dezena de municípios são criados no Pará com a mesma característica de ocupação, ou seja, migrantes de diversos estados às margens de rodovias e estradas em áreas de expansão.

No caso de Abel Figueiredo, percebemos que uma vez criado o município, os grupos de migrantes se dividem em torno de representantes no campo político. Assim, os migrantes de determinado estado se identificam com tal grupo político, diferentes famílias e se aliam em função de seus interesses com representantes de suas relações.

Os migrantes que chegaram na cidade durante a década de 1960 e início dos anos 1970 construíram o espaço urbano e deram a ele e à cidade uma característica de município com múltiplas atividades econômicas, como a agricultura, a pecuária, o extrativismo e o setor madeireiro.

Mas a política se constitui em torno de lideranças, e essas têm em torno de si os nichos econômicos, que estabeleceram discursos particulares de diferenciação ou de rejeição. Há toda uma rede de relações de pertencimento. Os discursos dos '"pioneiros" era diferente dos "chegantes" e esses discursos servem de parâmetro nas disputas e nas relações de pertencimento, fazendo as narrativas sobre a cidade se adequar ao mundo da política, mais acelerado e conflitivo.

A partir de sua criação, o município tinha pela frente a missão de eleger os seus representantes a partir de um processo eleitoral, que marcou a história da localidade e que aconteceu apenas no ano de 1992, tendo como candidatos o médico da cidade Dr. Ronaldo Lima e o comerciante Dativo Araújo de Almeida, que representam essas diferenças dentro da dinâmica política.

Quando falamos que a primeira eleição marcou a história da cidade, queremos dizer que ela possui uma unidade narrativa lembrada por todos no grupo de entrevistados, ela marca a divisão e mesmo ressentimentos entre eles. Ficavam, a partir daquele momento "fundador", evidenciados os diferentes interesses envolvidos, se antes as entrevistas narram histórias de "pioneirismo", "chegada", "construção", o que vamos evidenciar na estrutura narrativa dos anos 1990 é a "política", a "competição".

Dativo Araújo havia chegado ao Estado do Pará na década de 1970 e exerceu diversas atividades, foi machadeiro, trabalhou no setor de produção e exportação do leite, comprou caminhões, foi administrador de laticínios, comprou 10 carros e chegou a transportar 13.000 litros de leite por dia, foi dono de armazém e também transportou queijo para Fortaleza.

O Dr. Ronaldo Lima também havia se instalado na região em meados da década de 1970 e início dos anos 1980, exercendo a função de médico em seu hospital particular em Abel Figueiredo, atuando em parceria com o Dr. Zezé, que medicava em Rondon do Pará, cidade vizinha a Abel.

De acordo com vários entrevistados, como Filemon Alves, Gilson Alexandrino, Maria Enfermeira e o próprio Dativo Araújo, havia uma perspectiva de que Dr. Ronaldo, que concorreu pelo PMDB, ganhasse a primeira eleição municipal de Abel Figueiredo, haja vista que pesquisas indicavam que esse possuía mais de 70% das intenções de voto. Segundo Dativo Araújo:

> Foi eu, Osvaldão e Natalino na casa do Ronaldo e dissemos: Doutor, política é difícil, o senhor está bem, pesquisas indicam o senhor com 70%, eu só tenho 30%, vamos fazer uma coisa, eu vou ser vice seu, eu com dinheiro, muito dinheiro na época, armazém, a liderança total. Ai o Ronaldo não aceitou. Aí eu vim de lá e disse: vou enfrentar o homem. Ai o Zé Wilson, outros amigos, o Cida, Ideusdi, falaram: Tu vais enfrentar o homem? Mas nós não ganha! Ronaldo tem 70%, Ronaldo é médico.[27]

É interessante que, quando tratamos da primeira eleição do município, todos os entrevistados tinham algo para falar, Jardison Batista, que no ano de 2012 era vice-prefeito de Abel Figueiredo, afirma que sua família uma das mais tradicionais na região, foi muito assediada para se aliar a Dativo Araújo e fazer campanha para ele em 1992. Segundo ele:

> Meu pai era produtor de leite de gado, tudo que ele fazia na sociedade o comprador era o Dativo. Havia uma relação comercial e de amizade da parte de Dativo e do meu pai. Ele era prestativo e meu pai confiava nele. Ele era produtor de leite e comprava o leite e gado de muita gente. Onde havia uma dificuldade, ele emprestava o dinheiro para pagar depois com leite. Ele puxava o leite de muita gente. Havia mais relações com Dativo do que com o Dr. Ronaldo. A classe produtora rural do município era Dativo.[28]

Jardison era filho de Abel Figueiredo, seus pais eram capixabas, seu avô por parte de mãe sempre foi agricultor, produzia arroz, milho, mandioca, com esses recursos compraram uma posse de 30 alqueires, que serve de ponto de referência para que os filhos comprassem as terras ao redor dessa posse.

Seu depoimento demonstra as relações de pertencimento que existiam em 1992 entre a candidatura de Dativo Araújo e as famílias que chegaram em Abel Figueiredo nos anos 1960 e 1970 e que trabalharam com agricultura e depois com a pecuária.

Para seu João Crente, havia vários comerciantes que estabeleceram relações com Dativo Araújo desde os anos 1970. No caso dele e de diversos produtores, a relação se estabeleceu por meio da venda da produção de queijo, que era transportada por meio do

---

[27] ARAÚJO, Dativo. *Dativo Araújo: depoimento* [12 de abril, 2012]. Entrevistadores: E.J.O.F e T.B.M. Abel Figueiredo: Prefeitura Municipal. 1 arquivo audiovisual. Entrevista concedida ao Projeto Histórias e Memórias de Abel Figueiredo.

[28] SILVA, Jardison. *Jardison Silva: depoimento* [10 de abril, 2012]. Entrevistadores: E.J.O.F e T.B.M. Abel Figueiredo: Prefeitura Municipal. 1 arquivo audiovisual. Entrevista concedida ao Projeto Histórias e Memórias de Abel Figueiredo.

frete de Dativo Araújo para Fortaleza no Ceará, cujo pagamento era feito pelo próprio Dativo por meio de depósito na conta bancária dos produtores. Segundo João Crente:

> Aqui na época, quem comerciava era o Dativo tinha um senhor por nome Dibom, tinha os Lacerdas que mexiam com padaria - que hoje não moram mais aqui, foram para Marabá - Antônio Libero, que tinha comércio, Gilson e Elias, que mexiam com farmácia. Eu sempre vendia para outros municípios da região, por exemplo, o queijo que eu fabricava eu vendia pra Fortaleza, porque aqui não tinha mercado que consumisse e por isso a gente vendia pra Fortaleza. O Dativo tinha um transporte na época, ele fabricava, ele tinha um caminhão, que transportava para o Ceará toda semana, aí a gente mandava a produção da gente, junto com a dele, ia o de todo mundo que produzia.[29]

Em clima de disputa acirrada, transcorreu a primeira eleição municipal em Abel Figueiredo, candidatos disputando voto a voto e ao final o candidato vencedor foi Dativo Araújo, resultado que deixou Dr. Ronaldo Lima entristecido ao ponto de abandonar o recém-criado município. A análise de Maria Enfermeira que trabalhava diretamente com Dr. Ronaldo e também havia o apoiado foi a seguinte:

> O Dr. Ronaldo, ele tinha o apoio de todos, mas aconteceu causos da política, só que ele perdeu por poucos votos. Ai a gente não sabe por quê? Tem alguma coisa aí, se foi falta de pessoas mesmo, que faltou a votar, ou se tem alguma coisa. Eu acho que ele se acomodou um pouco. Todos que estavam com ele faziam campanha para ele, eu também fazia, ajudei muito ele.[30]

Para Roberto Maltarolo, cunhado de Dr. Ronaldo, o resultado das eleições expressava a inexperiência política do médico e o acúmulo de relações que Dativo Araújo possuía e conquistou durante o período eleitoral. Segundo ele:

> Foi inexperiência, porque o Dativo sempre foi bem relacionado no meio político e nós tínhamos aqui quem sempre foi nosso amigo, o Olavo Rocha. Nós éramos barriga verde, não tínhamos experiência. O Dr. Ronaldo no dia da política foi dormir e uma vez nós perdemos as eleições de um dia para o outro e deu 47 votos só de diferença. Se a gente tivesse ido para a rua só inibir eles, como acontece até hoje, o Dr. Ronaldo seria o prefeito daquela época.[31]

Percebam que Roberto Maltarolo fala sobre a prática política de inibição dos grupos rivais, que é utilizada até os dias de hoje em diversos municípios do interior do Pará e que é capaz de alterar a conjuntura política de uma eleição no dia da eleição.

Em outro trecho de sua entrevista, Roberto Maltarolo relembra a saída de Dr. Ronaldo Lima de Abel Figueiredo, bem como de sua irmã, que era casada com o

---

[29] GONÇALVES, João. *João Gonçalves: depoimento* [11 de abril, 2012]. Entrevistadores: E.J.O.F e T.B.M. Abel Figueiredo: Prefeitura Municipal. 1 arquivo audiovisual. Entrevista concedida ao Projeto Histórias e Memórias de Abel Figueiredo.

[30] ENFERMEIRA, Maria. *Maria Enfermeira: depoimento* [12 de abril, 2012]. Entrevistadores: E.J.O.F e T.B.M. Abel Figueiredo: Prefeitura Municipal. 1 arquivo audiovisual. Entrevista concedida ao Projeto Histórias e Memórias de Abel Figueiredo.

[31] MALTAROLO, Roberto. *Roberto Maltarolo: depoimento* [12 de abril, 2012]. Entrevistadores: E.J.O.F e T.B.M. Abel Figueiredo: Prefeitura Municipal. 1 arquivo audiovisual. Entrevista concedida ao Projeto Histórias e Memórias de Abel Figueiredo.

médico e ressalta que, a partir de então, a família Maltarolo, que era uma grande família ligada ao setor madeireiro, nunca mais apoiou o grupo de Dativo.

> Vi a minha irmã desesperada, a família recebeu muito mal (...) tive um trauma de infância (...) naquele momento me separei de minha irmã, que me criou. Perdemos a política, Abel perdeu um bom médico, que atendia até de noite. Minha irmã chorou muito e o Dr. Ronaldo também, eles foram embora. Não foi de madrugada, fui no outro dia. Ele teve que vender a fazenda, o gado para quitar as contas de campanha, não foi embora só ele, foi embora grande parte da família Montarolo, da dona Lurdes. Uma família grande, do Tonino Bresser.
> O Dr. Ronaldo tinha o apoio político do Lúcio Antunes prefeito de Bom Jesus Tocantins e do Manoel Pioneiro. O Manoel Pioneiro tinha tido apoio do Dr. Ronaldo para sua eleição de deputado estadual, o Dr. Ronaldo tinha dado para Pioneiro em torno de 1.500 votos na região.[32]

Como podemos ver, o setor madeireiro o qual estava ligado à família Montarolo, estava bem organizado em Abel no início dos anos 1990 e tinha uma forte influência política na região, ajudando a eleger o deputado estadual Manoel Pioneiro, que posteriormente foi eleito três vezes prefeito municipal de Ananindeua, segundo maior município do Pará, localizado na região metropolitana de Belém. A família Montarolo era uma família muito importante nesse setor e só voltou a se empenhar na política nas eleições do próprio Roberto Montarolo para vereador em 1996.

A derrota eleitoral de Dr. Ronaldo Lima e a sua saída de Abel Figueiredo virou história, pois ele deixa o município, avisando a alguns poucos familiares e amigos. Essa história é lembrada por diversos moradores e sintetizada nas palavras de Maria Enfermeira:

> Ele saiu, ele não avisou, não ficou fazendo propaganda, ficou muito triste, ele chorou muito, do ponto de vista que ele amava muito Abel. Ele desgostou, você sabe! Quem entra na política e tem um pouco de fanatismo, quando perde fica triste.[33]

Assim, no ano de 1993, tomam posse o Dativo Araújo de Almeida e Filemon Neto, prefeito e vice-prefeito eleitos do município de Abel Figueiredo e os 09 vereadores: Silvaneto Ferraz Mangueira - 1º Presidente da CMAB; Gilson Alexandrino da Costa - 2º Presidente da CMAB; Carlos Alberto Brito de Amorim; João Gonçalves da Cruz; Edson Aguiar; Jussieu Fernandes; Nilson David Oliveira; Raul Correa Tigre; Everaldino Campos Santos.

A ata de instalação de Abel Figueiredo aconteceu no dia 01 de janeiro de 1993, na Escola Estadual Hélio Frota Lima, em conformidade com a Lei nº 5.708 de 27 de dezembro de 1991, conforme o art.4º, parágrafo único. Fizeram parte da mesa de

[32] MALTAROLO, Roberto. Op. Cit.
[33] ENFERMEIRA, Maria. Op. Cit.

instalação, além da Juíza de Direito e da escrivã, os senhores Ednardo Nascimento Ribeiro, Melquiades Justiniano, José Ataíde e outros, ficaram registrados os juramentos do prefeito, vice-prefeito e vereadores.

> Como prefeito e vice-prefeito do município de Abel Figueiredo prometo cumprir a Constituição e as Leis e a frente do Poder Executivo Municipal e me conduzir com probidade administrativa na gestão dos bens públicos e envidar todos os esforços ao meu alcance para que este município atinja o progresso e o desenvolvimento. (...)
> Como vereador do Município de Abel Figueiredo, prometo cumprir os ditames da lei e me conduzir com probidade administrativa no mandato que me foi conferido pelo povo e lutar para o progresso da comunidade.[34]

Ao longo desse artigo afirmamos o fato de Abel Figueiredo ser um exemplo de cidade amazônica e, a esse ponto da narrativa, acreditamos reunir um dado novo, além dos já apresentados. Na narrativa sobre a criação da cidade, a novidade da administração do poder local é um dado a ser analisado.

O Brasil vivia o reestabelecimento da democracia em 1985, seguida do *impeachment* do presidente Collor de Melo em 1992, centenas de municípios eram criados no início dos anos 1990 no Brasil e, no caso de Abel Figueiredo, os primeiros passos no mundo da política eram dados em um contexto de limitações orçamentárias e financeiras que se abatiam sob todos os entes da federação.

É nesse momento que Dativo Araújo consolida uma imagem popular, diante das dificuldades de administrar um município recém-criado e em um cenário de mudanças aceleradas e de crises.

Segundo vários depoimentos, Dativo Araújo encontrou o município em situação difícil, não havia uma vassoura, assim como não havia legislação que definisse as funções e os limites do uso dos recursos públicos, era um município a se fazer.

Quando Dativo tomou posse como prefeito, a prefeitura não tinha uma sede própria, tampouco tinha sede própria a câmara municipal, segundo nossos entrevistados, o poder público municipal não tinha maquinário nem viatura. A sua posse, então, ocorreu no colégio Hélio de Frota Lima; nesse momento, embora fosse pouco o pessoal técnico, havia uma esperança muito grande da sociedade em relação ao primeiro prefeito.

A prefeitura não recebeu ajuda do Governo do Estado para organizar o município, mas aos poucos foi organizando a sua estrutura administrativa, criando a Secretaria de Educação, a casa dos Médicos, escola na área rural no bairro Bela Vista,

[34] Ata de Instalação do Município de Abel Figueiredo - Realizada em 01/01/1993

foi feita a pavimentação do centro de Abel Figueiredo, a construção lateral da Avenida Alacid Nunes e a sua primeira rede de esgoto, houve o melhoramento das vicinais, e articulação regional para a federalização da PA-70, que veio a se tornar BR-222 no final dos anos 1990.

Imagem 02
Cidade de Abel Figueiredo na década de 1990[35]

Diversos entrevistados relembram os anos da administração de Dativo Araújo e sua maneira peculiar de administrar a cidade. Segundo o próprio Dativo Araújo, governar a cidade era muito difícil, em primeiro lugar pelo desconhecimento da gestão da máquina pública e em segundo lugar pela dificuldade em firmar parcerias com os governos do Estado e Federal. Segundo ele:

> Eu lembro o primeiro Fundo de Participação dos Municípios que chegou, lembro como se fosse hoje, o primeiro dinheiro que apareceu, abrimos a conta, aí apareceu uns 10.000, botei no bolso e achei que era igual o meu dinheiro, peguei aquele dinheiro, paguei todo mundo. Aí veio o secretário e disse que tinha que tirar o cheque, tinha que tirar cópia de tudo, aí eu fui aprendendo, arranjando uns deputados bons. Sofri muito no governo Jader Barbalho, o Jader saiu e deixou o Carlos Santos e ele não podia ajudar nós em nada, eu fiquei com esse Abel com problema e querendo resolver tudo. Para tu ter uma ideia essa PA-70 era chão e eu cansei de meter máquina, comprei uma pá carregadeira com recursos próprios de Abel e o Jader só veio me dar uma patrol em 2003.[36]

O então prefeito Dativo Araújo vivia o "dilema da escassez", já que havia um excesso de demanda e uma carência de recursos para o atendimento, levando-o a escolhas trágicas em termos de implementação de políticas públicas, especialmente as relativas a políticas sociais, que foram quase extintas nos governos Itamar Franco (1993-1994) e Fernando Henrique Cardoso (1995-2002), em função das políticas

[35] Fonte: Acervo pessoal de Silvaneto Mangueira.
[36] ARAÚJO, Dativo. Op. Cit.

neoliberais implementadas por esses governos, que previam a privatização de setores da administração pública, contenção de gastos públicos e a redução de investimentos em políticas sociais.

Aliado aos problemas de ordem administrativa, Dativo Araújo também tinha que manter relações com a Câmara Municipal de Abel Figueiredo e seus 09 vereadores, dos quais 04 eram oposição e 05 compunham a base de apoio do Governo.

O primeiro Presidente da Câmara de Abel Figueiredo foi Silvaneto Mangueira, que juntamente com os demais vereadores, inclusive os da oposição, se uniram em função da captação de recursos para a construção de obras para o município, entretanto para além da união em torno do seu crescimento.

Ao fazer um balanço de seu primeiro mandato Dativo Araújo de Almeida relembra um período de crises e de adaptações à administração da máquina pública municipal, mas um período em que Abel Figueiredo começou a se estruturar enquanto município e a prosperar e se desenvolver. Segundo Dativo Araújo:

> Eu peguei o Abel, era uma vala só. Abel era uma vila, passava uma máquina aqui quando o DR (Departamento de Rodagens) arrumava alguma coisa, então eu consegui comprar uma pá carregadeira com recursos próprios de Abel, que nenhum prefeito fez isso, dei um cheque meu e todo mês eu ia lá e colocava um da prefeitura, ela saiu no meu nome, está lá até hoje, mas comprei para a prefeitura. Comprei uma ambulância Parati com recursos próprios. Aí eu fui economizando, não enchi a prefeitura de gente, era enxuta. Aí fui arrumando, pagando as essas coisas e construindo (...) eu tive muita sorte e a honra, que nunca faltou médico aqui no meu governo, morando aqui em Abel. Ai eu partir para a zona rural, todas as escolas construídas foi Dativo Araújo de Almeida, prefeito, que fez. Esse Colégio Alacid Nunes, essa obra pesou para mim, foram 02 anos trabalhando nesse colégio, que eu via a hora de não dar conta do Alacid Nunes, foi construído no meu governo, o Joseilson (1º secretário de educação), arrumou um recurso e eu empolguei com esse colégio e derrubei o velho para fazer uma coisa melhor. Também construí o colégio da vilinha, tudo praticamente com recursos próprios nesse 1º mandato.[37]

No que diz respeito à atuação da Câmara Municipal de Abel Figueiredo durante a 1ª gestão de Dativo Araújo, temos a proposição e aprovação de 48 projetos de leis, descritos na Relação de Leis Municipais, entre as quais tem importante relevância a aprovação da estrutura da Prefeitura e da Câmara Municipal, bem como as definições sobre cargos e remuneração, celebração de convênios, leis relativas ao orçamento municipal e alteração nos nomes de escolas municipais.

Conclusão

[37] ARAÚJO, Dativo. Op. Cit.

Abel Figueiredo é uma dessas pequenas cidades no interior do Pará que teve um processo de ocupação recente, à beira da estrada com uma vida econômica ligada inicialmente à agricultura de subsistência e apossamento de lotes de terras, para posteriormente se dividir entre a pecuária e a indústria madeireira.

Esse é o enredo da história de grande parte desses municípios no interior do Pará, contar essa história a partir das memórias ao longo da pesquisa, talvez tenha sido o grande diferencial do projeto "Histórias e Memórias de Abel Figueiredo".

A cidadela aparentemente esquecida à beira da estrada ganhou contornos de uma grande história nas memórias de nossos entrevistados, ganhava unidades narrativas próprias e lugares de ancoragem da memória.

Acreditamos que pesquisas como a de Abel Figueiredo devem ser estimuladas em nosso meio como uma perspectiva em torno da história do tempo presente e dos usos de relatos orais para a escrita da história.

Buscamos com esse artigo revisitar a pesquisa realizada por nós no ano de 2012 e dar publicidade aos "narradores de Abel" e às histórias desse município amazônico, evidenciando primordialmente a narrativa sobre o "pioneirismo" dos seus fundadores na acomodação dos migrantes que chegavam à região em busca de terras nos anos 1960 e 1970, perpassando as narrativas sobre a história dos "chegantes" que eram migrantes que vinham com o objetivo de investir seus capitais na região e por fim aquelas relativas à história da cidade, que é também o tempo das transformações e da adaptação ao mundo da política e do poder local.